

## Crítica // Five nights at Freddy's — O pesadelo sem fim ★★★

# Terror e trauma

Ricardo Daehn

Sai *Super Mario Bros.* — *O filme*, e entra um filme de terror baseado em popular videogame. Remetendo aos anos de 1980, e ainda a série de assustadores longas-metragens da franquia *A hora do pesadelo*, num universo que reacende a atmosfera das pizzarias, dos parques de diversões com bonecos animatrônicos e do audiovisual registrado em fitas VHS, *Five nights* coloca em cena um pesado drama para o protagonista Mike (Josh Hutcherson, de *Jogos vazados*). O saudosismo dele, agora dedicado à criação da

UNIVERSAL/DIVULGAÇÃO



**Five nights at Freddy's: terror baseado nos videogames**

irmã Abby (Piper Rubio, no papel de uma pequena desenhista compulsiva), está no passado em que vivia entre família feliz, ainda com a presença do irmão, que viria a desaparecer.

Diretora do longa Terra assombrada, Emma Tammi aposta numa trama

ritualística, que mescla terror psicológico e violência. Com ar retrô, a fantasia se devia (por sorte) da proposta do péssimo *Terrifier*, centrado num demoníaco palhaço. Desgastado, Mike consegue emprego, num lugar que “mexe com as pessoas”, segundo reforça

um agente de empregos, interpretado por Matthew Lillard. Mike se torna segurança de um lugar repleto de fliperamas e atrações defasadas, povoado pelos fantasmas de personagens estufados (mas nada fofos) como Freddy Fazbear, Bonnie, Foxy e Chica.

Para reforçar a temática oitentista, a cineasta convocou Mary Stuart Master-son (Tomates verdes fritos) para dar vida para uma tia surtada. O comprometimento da policial Vanessa (a bela e talentosa Elizabeth Lail) no enredo é um dos diferenciais, no filme que ainda apela para a figura da babá (clássica, nos filmes oitentistas). Mesmo com desfecho decepcionante, o filme vale pela evocação do enorme e temido Coelho Amarelo.

## Crítica // Pele ★★★

# A arte de protestar

A liberdade foi a maior aliada no documentário *Pele*, que tem estampada a sentença “cada caminho é um risco”. Foi no fio da navalha que o diretor Marcos Pimentel, responsável pelo excelente *Fé e fúria* (2019), construiu um filme todo assentado na diferenciada expressão nascida pelas ruas de capitais como São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte.

Todo feito de mera observação, *Pele* trata do revestimento das cidades (numa derme multicolorida) e do processo de ocupação dos artistas entregues à dança de passinho, performances

e linguagem das ruas. Com temas recorrentes e traços singulares, os grafiteiros incrementam a ideia de que “a voz do povo é a voz das ruas”. Com interferência mínima, Pimentel entregou o filme praticamente à edição de Ivan Morales Jr. A pesquisa imagética resulta quase que num inventário de obras instaladas numa espécie de acessível e indesviável galeria a céu aberto.

O passeio interminável pelas obras de arte alternativa, dispostas em avenidas, becos e bairros, mesmo potente, incorre em dose de monotonia.

Sincretismo, afirmação

EMBAÚBA FILMES



**Cena do documentário Pele: a linguagem das ruas**

da negritude, visibilidade trans e infinitas menções aos inimigos do povo (com citações a golpistas, à “vaza jato” e à ironia pesada da “festa da democracia”) estão ilustradas em *Pele*. Interjeições (escritas) se misturam a conceitos como “Só o SUS salva”, além de haver registros à conclamação para

greve e à sequência dos Fora (Temer e ainda Bolsonaro). Se há uma qualidade é de haver síntese de um complexo quadro de problemas sociais. Num dos capítulos, dedicado ao fortalecimento das mulheres, desponta o eterno mistério em torno da morte de Marielle Franco. (RD)